

ENEM E AS CIÊNCIAS HUMANAS: NOVAS ABORDAGENS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Emmanuela de Lima Maracajá (PET – História – UFCG)
Priscila Gusmão Andrade (PET – História – UFCG)
Regina Coelli do Nascimento (Tutora do PET – História – UFCG)

Este artigo busca problematizar uma atividade de extensão desenvolvida no Programa de Educação Tutorial do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande (PET – História – UFCG), durante o ano letivo de 2011. A oficina intitulada “Enem, Ciências Humanas e suas tecnologias: Novas sensibilidades para pensar o ensino de História”, foi arquitetada a partir do seguinte percurso metodológico: 1) pesquisa e leitura da bibliografia relacionada ao tema; 2) seleção e preparação dos recursos didáticos que foram utilizados; 3) divulgação e realização da oficina. O público-alvo foram trinta alunos das escolas públicas da cidade: Escola Estadual da Prata; Colégio Virgílio Gomes e Escola Estadual Raul Córdula. Assim, foram estudadas e discutidas pelas participantes questões direcionadas: 1) a proposta do “Novo Enem”, havendo um enfoque para o entendimento da perspectiva do Enem referente às “Competências e Habilidades; 2) as novas características da prova, e os critérios de avaliação do Enem “Teoria de Resposta ao Item” (TRI) e 3) a transdisciplinaridade utilizando-se dos eixos temáticos “Identidade, Memória, Movimentos Sociais e cidadania. Para execução da proposta dialogamos com Lino de Macedo e Raul Borges Guimarães.

Palavras Chaves: Enem, Ciências Humanas, História.

Este artigo busca trabalhar uma experiência desenvolvida no Programa de Educação Tutorial (PET) de História da UFCG, no ano de 2011, sobre as novas perspectivas do ensino de história no ensino médio, a partir das mudanças desenvolvidas pela prova do Enem para a ingresso nas universidades.

Este projeto surgiu no PET, a partir do ano de 2010, como proposta da Tutora do grupo (Regina Coelli do Nascimento), para suprir a necessidade de informação e apoio aos alunos do ensino médio público da cidade de Campina Grande, sobre o Enem. Sendo apresentada uma aula na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Luiz Gonzaga Fernandes, pelos integrantes do grupo.

Entretanto o projeto apresentou novas proporções a partir de 2011, sendo necessária uma pesquisa mais detalhada sobre o tema, por conta das próprias mudanças apresentadas no Enem e da falta de trabalhos nessa área. Essa mudança marcou no projeto o título, “Enem, Ciências Humanas e suas tecnologias: Novas sensibilidades para pensar o ensino de História”.

A oficina possuiu dois momentos de trabalho, o primeiro ficou baseado na fase da pesquisa, que foi realizado no primeiro semestre do ano, e o segundo foi marcado pela apresentação de uma aula temática sobre a pesquisa realizada, que ocorreu no semestre seguinte.

Organizaremos, a partir deste momento, este artigo, de forma a primeiro falarmos mais detalhadamente sobre o primeiro momento da oficina, colocando o processo da pesquisa e as teorias que rodeiam a perspectiva do Enem, para em seguida falar da experiência do segundo momento, no que diz respeito à divulgação e a realização da aula expositiva da oficina.

O projeto foi realizado por um grupo de quatro alunas do PET: Emmanoela de Lima Maracajá, Jaqueline Leandro Ferreira, Janaina Leandro Ferreira e Priscila Gusmão Andrade. Sendo decidido pelo grupo, inicialmente analisar a prova do Enem, para entender se a prática está condizente com a teoria (a qual será explicada mais a frente).

Devemos ressaltar a dificuldade encontrada para a realização desta análise, por conta da falta de fontes no assunto. Não havendo considerável número de trabalhos que discutam a nova proposta elaborada pelo Enem, principalmente na área de Ciências Humanas e Suas Tecnologias, com ênfase na área de História.

Dessa forma, foram analisadas as provas do Enem, de 2008, 2009 e 2010, da área de Ciências Humanas e Suas Tecnologias, sendo levada em conta a forma como as

questões foram elaboradas e se suas elaborações condiziam com a proposta de Competências e Habilidades, característica essencial para esta prova.

Mas então surge a pergunta, o que são Competências e Habilidades para o Enem? E por qual motivo foi adotada esta teoria?

De acordo com Lino de Macedo em seu trabalho “Competências e Habilidades: Elementos para uma reflexão pedagógica”, competência seria a capacidade de resolver problemas um problema proposto, a capacidade de invenção, criatividade, astúcia para se resolver situações inesperadas (problema). A habilidade seria o que é requerido, para a solução do problema. Ou seja, para Lino Macedo, “a competência é uma habilidade de ordem geral, enquanto a habilidade é uma competência de ordem particular.”.

São propostas pelo Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa (INEP)⁵ competências, que são: dominar linguagens, compreender fenômenos, enfrentar situações-problema, construir argumentações e elaborar propostas. E em um nível mais específico, são definidas 21 habilidades.

Podemos assim perceber que a ideia de Competência e Habilidade está intimamente interligada, ao falar destas concepções o INEP coloca:

Competências são as modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do ‘saber fazer’. Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se, possibilitando nova reorganização das competências (INEP, 1999, p.7).

Desta forma, a adoção desse sistema por parte do Enem, surge para que o aluno do ensino médio seja avaliado no sentido da formação de um cidadão crítico e ativo. Raul Borges Guimarães, em seu texto “Mudança Social, Ciências Humanas e Enem”, coloca:

“os participantes são desafiados a operar seu raciocínio, exercitando-se competências e habilidades no domínio das linguagens e da capacidade de expressão e pensamento lógico, visando demonstrar sua autonomia de

julgamento e de ação diante de situações-problema que envolvem a vida social.”. (2005, p.74).

Podemos então perceber, que a teoria do Enem pretende formar um aluno que valorize um saber crítico, sem perder de vista três necessidades: conhecimento, habilidade do pensamento e o ponto de vista afetivo e social.

Dessa forma, de acordo com Raul Guimarães, o Enem não é uma prova que exige a memorização, mas sim um saber crítico voltado para um maior conhecimento social e cultural. Deve-se assim ressaltar a importância que o participante leia a prova com atenção, sendo necessário que o mesmo tenha clareza no que deseja encontrar no texto, pois mesmo que nunca tenha tido contato com o assunto abordado na questão, à prova deve desafiar o estudante a levantar hipóteses a partir da observação do enunciado.

Assim, Guimarães ressaltava que “Estas características da prova transformam o ENEM em um poderoso indutor das mudanças em andamento da escola brasileira”, surgindo então o questionamento, seria o Enem uma reforma na educação brasileira, que vem ocorrendo “de cima para baixo”? Deixaremos esta questão em aberto, para que o leitor possa refletir sobre as mudanças que ocorrem no momento.

Outra mudança característica da prova do Enem, com relação aos vestibulares “convencionais”, estudada no projeto, seria a ideia da Teoria de Resposta ao Item (TRI).

O TRI surge no Brasil, para substituir a TCT (Teoria Clássica dos Testes), que é um exame basicamente classificatório, onde todos os candidatos se submetem à mesma prova e recebem uma nota. A marcante limitação da TCT é que dois candidatos submetidos a provas distintas são incomparáveis. O TRI por outro lado, pretende aferir a capacidade ou habilidade dos candidatos sobre um determinado domínio.

O TRI trabalha teoricamente com a consideração de que toda questão tem uma probabilidade de acerto em função (crescente) da proficiência do candidato: quanto mais proficiente, mais provável de acertar. Teremos assim a probabilidade de acerto da questão e a Habilidade do candidato, sendo calculadas a partir de um gráfico chamado “Curva Característica ao Item”, que vai construir a proficiência do candidato, e conseqüentemente seu perfil.

Para trabalhar a Teoria de Resposta ao Item na prova, a mesma é elaborada a partir de grupos de níveis de dificuldades diferentes. Sendo 25% de questões fáceis, 50% de questões intermediárias e 25% de questões difíceis. Ao ser formado o “perfil” do candidato, a partir do TRI, as respostas que forem consideradas “chutes”, terão uma pontuação menor, para o candidato em questão.

A partir da pesquisa sobre esses temas, foi possível pelo grupo, entender a diferença teórica entre as provas de vestibulares tidas como “tradicionais” e o Enem. Mas e a partir da análise das questões foi possível mostrar que a proposta teórica vinha ocorrendo na prática?

Ficou claro para o grupo, que está proposta nem sempre tinha sua validade na prática da prova. Pois se percebeu considerável número de questões que não condiziam com a teoria proposta pelo Enem. Desde questões que possuem o assunto por si só, sem ligação com as competências ou habilidades, a questões em que a resposta não possui ligação com o enunciado.

Após a conclusão parcial da pesquisa, foi produzido pelo grupo o segundo momento da oficina, que se caracterizou pela preparação e apresentação da aula expositiva.

Ficou decidido que a aula seria realizada no auditório da Biblioteca Central da própria Universidade Federal de Campina Grande. O evento foi divulgado, e aceitou inscritos pelas alunas responsáveis, nos colégios: Escola Estadual da Prata; Colégio Virgílio Gomes e Escola Estadual Raul Córdula.

A aula contou com 30 participantes, dos respectivos colégios, onde devemos ressaltar a dificuldade de convocar alunos do Ensino Médio Público para o Campus da Universidade, por conta de uma cultura que exclui esses alunos desse espaço, os deixando com a ideia de que não pertencem ao mesmo. E por tal motivo as alunas responsáveis pelo projeto, esperaram os mesmos na frente da universidade para que pudessem conduzi-los até o respectivo local.

O perfil do aluno que veio assistir a aula caracterizou-se por um aluno notavelmente interessado e surpreso com o assunto. Era perceptível a falta de informação dos alunos, sobre as características da prova do Enem e o seu interesse em entender as

mesmas, o que ocasionou uma aula inteiramente participativa. Entretanto devemos salientar a forte amarra que o aluno ainda possui com relação ao assunto por si só, sem a colocação de eixos temáticos, o que caracteriza a forma de ensino presente na escola brasileira.

A aula expositiva foi organizada em dois dias, e contando com cinco respectivos momentos. Primeiro houve a apresentação das características da prova do Enem, em seguida houve a resolução de questões que montaram os quatro momentos seguintes e que foram apresentadas a partir dos seguintes eixos, e na respectiva ordem: Identidade, Memória, Movimentos Sociais e Cidadania.

Podemos assim concluir, que estudar e analisar a proposta do Enem é de extrema importância para entender as mudanças que vem e ainda ocorrerão no ensino de base e médio brasileiro. Afinal as propostas colocadas pelo governo estão ganhando visibilidade e atuação a partir da prova do Enem. Tais mudanças são de absoluta importância para o brasileiro, que vai sentir as mesmas em sua sociedade e no seu dia a dia e principalmente para o professor, que vai precisar utilizar-se das mesmas, para “formar” o aluno desejado por este exame.

Referência Bibliográfica:

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (1999). Exame Nacional do Ensino Médio: Documento Básico 2000. Brasília: INEP.

Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): fundamentação teórico-metodológica / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília : O Instituto, 2005